

TÍTULO TRABALHO: SIGMA PAULISTA: O MOVIMENTO INTEGRALISTA NO ESTADO DE SÃO PAULO (1932-1943).

AUTOR: BEATRIZ DE MIRANDA BRUSANTIN

INSTITUIÇÃO: MESTRADO-UNICAMP

A ação integralista nos sindicatos ferroviários paulistas.

A ação sindical dos integralistas ocorreu em dois momentos principais: em 1933 e 1936. Momentos de grandes modificações políticas nacionais, constatamos que os modos de ação divergiram nos dois anos. Principalmente pelo fato de que neste período a própria Ação Integralista estava se constituindo como partido e elaborando suas doutrinas sobre o sindicalismo integral. Assim, narrando sobre estas intervenções observamos a dinâmica dos camisas verdes nos sindicatos ferroviários paulistas trazendo-nos novas informações sobre um momento histórico-político de profundas definições e transformações para o movimento operário brasileiro.

Neste ensaio destacamos a ação do sigma nos sindicatos ferroviários paulistas porque identificamos neste meio operário como sendo o mais visado pelos camisas verdes. De fato, não estranhamos muito este perfil uma vez que como coloca Ângela Araújoⁱ, sindicatos como o dos portuários, ferroviários e bancários desde os anos 20 eram os centros que predominavam o sindicalismo amarelo, isto é, um movimento operário de cunho reformista.ⁱⁱ Parece-nos portanto, que estes eram os berços institucionais mais adequados para a intervenção integralista do que associações operárias de cunho extremamente comunista. Nesse sentido indagamos: será que o envolvimento dos integralistas no meio sindical foi apenas oportunista? Ou tratou-se de uma ação político-ideológica de transformação do perfil político do sindicato no qual participavam?

Em 1933, a polícia política relatando o acontecimento de uma assembléia ferroviária na cidade de Rio Claro, declarou que o orador oficial da Delegação da Cia Paulista era integralista e que compareceram a dita reunião muitos ferroviários adeptos desse credo político devidamente fardados. Segundo a investigação não houve a perturbação da ordem que se previa de início sendo que no fim da plenária foi aclamada uma comissão para ir ao Rio de Janeiro, tratar da reforma da lei aludida (Lei das Caixas e Pensões) e da criação do regulamento do Trabalho Ferroviário. Comissão esta que foi composta por Jurandyr Bueno (da Noroeste), João Soares Pinheiros (da Paulista) e José Antunes de Oliveira (da SP Railway).ⁱⁱⁱ

Percebemos, portanto, a intervenção integralista no movimento ferroviário de forma ativista e composta por diversos adeptos vestidos pelo partido verde defendendo seu credo político e seu setor de trabalho. Camisas verdes representantes dos ferroviários como o orador da assembléia e o membro da Comissão Jurandyr Bueno, funcionário da Noroeste do Brasil e integralista da cidade de Bauru que ali desempenhou o papel de condutor das reivindicações dos direitos trabalhistas dos ferroviários frente ao governo federal. Situação que envolvia outras companhias ferroviárias fato o que pode nos revelar uma certa consciência coletiva dos ferroviários que participavam deste movimento perante a intervenção e ação integralista.

Atrás da ação do integralista de Rio Claro, orador da assembléia, funcionava o núcleo da AIB local que já estava aberto desde o mês de setembro de 1933 sob a direção de José Pires Pimentel Jr, oficial de registro.^{iv} Havia portanto, um suporte estrutural do partido que possibilitou a reunião e ação conjunta de militantes verdes dentro de uma assembléia sindical ferroviária. Realmente, dentre os filiados da AIB local havia diversos ferroviários. O próprio José Pimentel mantinha intensas relações com este meio operário.^v

Há, no entanto, uma incógnita quanto ao direcionamento desta ação sindical integralista uma vez que o núcleo da AIB de Bauru ainda não havia sido instalado (foi apenas em setembro de 1934) e as doutrinas do integralismo ainda não havia sido publicadas.

Podemos sugerir que a fundação do núcleo era apenas uma formalidade e uma estruturação posterior a um engajamento político integralista. Os integralistas bauruenses já agiam e eram ativistas nos sindicatos antes mesmo da existência estrutural e formal da AIB local. A ação integralista se dava antes da institucionalização do integralismo.

Quanto os direcionamentos doutrinários, verificamos que nesta época poucos livros integralistas tinham sido publicados. Apenas os livros: *Psicologia da Revolução* e *O cavaleiro de Itararé* de Plínio Salgado. Miguel Reale, o intelectual integralista que aposta no Estado sindical-corporativo^{vi} e que desenvolveu nos livros *O Estado Moderno*, *Perspectivas Integralistas* e *ABC do integralismo* textos que discutiam a forma do sindicato integral, não havia divulgado suas idéias publicamente através da imprensa. No entanto, Olbiano de Mello, intelectual conservador da década de 20 e 30 já havia publicado em 1931 *Comunismo ou fascismo?*, e *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil*, e como colocou Trindade^{vii}, a posição de Reale é bastante próxima a de Olbiano Mello, cuja produção ideológica precedeu a da Ação Integralista.

Sendo assim, em 1933, podemos articular a ação do sigma no âmbito sindical a uma corrente política com ideais corporativistas, positivistas e reformistas que vem dos anos 20, do que propriamente uma ação direcionada do partido para seus ativistas. Nessa época, realmente, circulava entre a direita e os reformistas ideais de reivindicação de classe, legislação de direitos trabalhistas, formação de um Estado controlador dos conflitos ou como o próprio Manifesto Integralista de 32 "*temos de adotar novos processos reguladores da produção e do comércio, de modo que o governo possa evitar os desequilíbrios nocivos à estabilidade social*". Havia intelectuais conservadores (Oliveira Vianna, Olbiano de Mello) que divulgavam idéias corporativistas para o Estado e existiam recém integralistas que estavam nesta onda política e logo após a decretação da AIB se engajaram no meio sindical para defender seus interesses de classe e suas opções ideológicas. Antes mesmo da teoria sindical integral já existia a *praxis* integralista nos sindicatos.

Sindicatos ferroviários cujo o cenário também era da esquerda socialista^{viii}. Apesar do decreto de março de 1931, de autoria de Joaquim Pimenta e Evaristo de Moraes possuir características de intervenção do Estado e oficialização do sindicato, unicidade sindical e não pluralidade como anteriormente, e de neutralidade política e de crença, os sindicatos voltando unicamente para reivindicações econômicas e de direitos sociais; ainda temos neste momento, um processo de resistência das alas trotskistas, comunistas e socialistas que vão perdendo força com o passar de 1933 até 1934 quando as medidas governamentais vão se consolidando, passando pela política classista de intervenção sindical e culminando na Constituição de 1934.^{ix}

No entanto, como colocou Carone^x, a partir de 1933, quando surgiu a questão da Constituinte, proliferaram em todo o país partidos que se diziam de esquerda. Para o autor^{xi} o termo *socialismo* era usado indistintamente por todos, sem distinguir nuances - a não ser o caso do PCB e dos trotskistas - sem caráter valorativo particular. Não há parte destes "socialistas" nenhuma coerência filosófica, mas a proclamação de uma finalidade política. A ação integralista nos sindicatos no início dos anos 30 portanto, se deu ao lado dos ditos socialistas que também incluíam: Clube 3 de outubro, Legião Cívica 5 de julho, Legião Paranaense, Partido Popular Progressista, Partido Liberal. Assim, apesar de Carone citar que no Congresso Revolucionário de 1932 organizado pelos tenentes socializantes, os integralistas se retiraram antes do seu término divergindo do seu conteúdo, em 1933 podemos observar ações sindicais conjuntas em busca dos direitos trabalhistas e de uma reforma social.

O fato é que em dezembro de 1933, em uma reunião coletiva dos Sindicatos Ferroviários^{xii} foi declarada uma greve geral do setor reprimida pela polícia levou seus representantes, entre eles o integralista Jurandyr Bueno, presos.

A partir de 1934 e 1935 houve um aumento da repressão governamental sobre os movimentos operários culminando em diversas detenções e em contrapartida a maior resistência da esquerda que se organizou por exemplo em Frente Únicas. E em sintonia com a Internacional Comunista, começaram a se mobilizar contra o fascismo crescente

mundialmente que no Brasil acarretou na fundação da Aliança Nacional Libertadora em 1935. O integralismo, símbolo partidário fascista - pois o governo Vargas com seus decretos também era considerado fascista - tornou-se alvo de ataques de comunistas e aliancistas.^{xiii}

Este contexto causou o recuo por parte dos integralistas no meio sindical no ano de 1934. Como partido político foi de ascensão. Aumentaram seus seguidores, ocorreram publicações doutrinárias, aberturas de núcleos, fundação de diversas imprensas do sigma e a realização de congressos nacionais e desfiles. Aprovaram os Estatutos da AIB e realizaram o 1º Congresso de Vitória no qual o movimento deu sua investida crucial como partido de massa. Na própria cidade de Bauru onde ocorreu o recuo do sigma no âmbito sindical, os camisas verdes fundaram o núcleo local, realizaram encontros e distribuíram boletins^{xiv}.

A partir de 1934, polícia política caracterizou o movimento dos ferroviários como o mais ativo e importante centro de irradiação ideológica da esquerda política. Destacaram, por exemplo, a Cia Paulista (em São Carlos), São Paulo – Goyaz, Araraquararense, Douradense, Mogiana e Sorocabana como propagandistas dos socialistas e legionários. Os sindicatos da Noroeste, Mogiana, Ribeirão Preto e Campinas a polícia caracterizou como vítimas de pressões comunistas.^{xv}

Em 1935, no sindicato da Noroeste do Brasil ainda a influência dominante era comunista. Evidência que podemos observar através do periódico *O Sindicato* da Noroeste do Brasil que em junho de 1935 publicou o artigo *O movimento anti-chistão na Alemanha* no qual fez profundos ataques ao movimento fascista alemão e comparou-o com o integralismo tachando ambos de *aberrações*.^{xvi}

Assim, se em 1933 o integralista Jurandyr Bueno era um representante político sindical da Noroeste, em 1935 o delegado regional de Bauru informou ao Secretário de Segurança Pública que o sindicato da Noroeste do Brasil foi fechado devido decreto no 229 de 11/09/35 declarando que na sede realizavam assembléias e comícios da Aliança Nacional Libertadora.^{xvii} Afirmou que aliancistas e comunistas tumultuavam as assembléias impedindo que os elementos chamados de amarelos da própria diretoria do sindicato e associados se manifestavam com sensatez.^{xviii}

Neste período como aponta Araújo^{xix} os sindicatos vítimas da oficialização federal foi palco dos comunistas que intensificaram seu trabalho de oposição sindical como chegaram em alguns casos a participarem ou a liderarem sindicatos oficiais. A partir de 1934 e principalmente 1935, iniciou-se, com a Internacional Comunista, a substituição de uma política de classe contra classe para uma ação de alianças entre os PCS e os sócio-democratas e os reformistas que compartilhassem com ideais anti-fascistas.^{xx}

Em 1935, no entanto, o sindicato da Noroeste do Brasil foi fechado e dez dias depois reaberto^{xxi} com o apoio dos classistas e do cidadão de Bauru e ferroviário da NOB João Maringoni que foi considerado pela polícia como fascista.^{xxii}

João Maringoni era um influente fascista de Bauru. Em 1939, foi condecorado com a insígnia de Cavaleiro Oficial de Mussolini entregue pelo corpo consular da capital. Em 1942, ocupou o cargo de presidente do Tiro de Guerra no 82 de Bauru e homenageado com uma placa em seu nome na Casa D'Itália local.^{xxiii} Lutava a favor do integralismo e mantinha íntimas relações com o chefe da 6ª CR de Bauru, Coronel Ciro Vidal e com o integralista e diretor do *Correio da Noroeste*, José Fernandes. Fernandes, por sua vez, além de ser diretor do jornal e um funcionário da NOB que estabeleceu relações com o eixo durante a Segunda Guerra, também foi considerado pela polícia como sinecura da prefeitura local.^{xxiv}

Se lembrarmos que a diretoria também era composta por amarelos, podemos concluir que a intervenção de Maringoni em prol da abertura do sindicato, significou uma ampliação da rede influências da ala da direita de Bauru, fascistas e integralistas, não centrados nos aliancistas mas nos amarelos que de corporativismo político entendiam e se

afinavam muito. Era a brecha perfeita para a entrada fascista e integralista no campo sindical e era o cenário local *político-cultural* de grandes vantagens para o desenvolvimento ideológico da direita brasileira.

Desse modo, apostado na idéia de que manter um sindicato aberto era o interesse primordial para as forças políticas da época a ponto de ocorrerem recuos estratégicos nas disputas ideológicas. Assim, analisando a ação integralista nos sindicatos podemos perceber que diante da situação de implementação do corporativismo pelo governo, do processo de oficialização dos sindicatos e de intervenção estatal, a direita fascista brasileira tendo afinidades ideológicas com este processo político trabalhista manteve-se ligado ao meio operário utilizando-se das brechas da política sindical viabilizada pelos reformistas (amarelos). Exerceram seu poder público local de influências, como é o caso de João Maringoni que agiu pelo sindicato frente a polícia de Bauru, em um cenário político de claros aspectos fascistas, para afirmarem-se detentores do *poder público* local e assim submeterem os sindicalizados aos seus ideais.

A colheita para os integralistas destas redes de influências políticas veio após decretação do estado de sítio pelo governo federal. Em fevereiro de 1936, no sindicato da Noroeste do Brasil foi eleita uma Junta Governativa formada por: Basílio Ceschine, presidente; Hélio de Moraes Barbosa (integralista), secretário; Roberto Leite e Silva, tesoureiro; José Rodrigues de Almeida, José Nora Bittencourt e Angelo Costa, membros.^{xxv}

Hélio de Moraes Barbosa (ao lado de Jurandyr Bueno e Sebastião Lins) foi um dos chefes do núcleo da AIB de Bauru destacando-se como principal orador e pregador ideológico do novo perfil do sindicato.^{xxvi} Sugerimos até mesmo que a idéia de formar uma Junta e substituir a antiga diretoria caçada pelo DEOPS partiu do próprio Hélio de Moraes Barbosa que era companheiro do também camisa verde Jurandyr Bueno, o qual já havia tentando infiltração em 1933 e tinha ligações com os italianos fascistas de Bauru João Maringoni, Carlos Cariani e Tolentino Meraglia, ferroviários da NOB.^{xxvii}

A nova Junta Governativa, deliberada por mais de 30 sócios do sindicato, assumiu a Comissão Executiva^{xxviii} que foi idealizada pelos integralistas e fascistas como salvadora do meio operário, limpadora e reconstrutora do meio político de reivindicação operária que estava sem controle e encaminhando para a desarticulação, para o falecimento. O novos diretores, diante desta situação, significaram a mudança da ordem vigente, o despertar das vozes e ânimos ferroviários, a própria salvação.

A nova ordem dirigente, composta por elementos integralistas e fascistas, posicionou-se ideologicamente em nome da coletividade da classe o que nos remete a idéia do corporativismo por não defender a luta de classe mas a sim a idéia de corpo. Também constatamos a atenção do valor ativo do coletivo, do local, do grupo, da sociedade civil, *de nós mesmos*. Longe de uma concepção de um Estado superior e único sujeito, apreciamos também a idéia da sociedade civil, do grupo sindical como a outra mão da política Varguista.^{xxix} Trouxeram às vistas o grupo local como ativos de deveres do processo legislativo vigente investindo em uma ação civil de defesa dos interesses de classe que também tem como ponto de partida o grupo envolvido e não só o Estado.

Em 1936, visualizamos uma outra estrutura do movimento integralista o que nos sugere por exemplo a ação do sigma de Bauru com vistas nas ideologias sindicais corporativistas de Miguel Reale ou ainda nas idéias religiosas de Plínio Salgado. Os livros sobre o sindicalismo integral^{xxx} podiam ser observados na biblioteca do núcleo da AIB de Bauru. Inclusive, após seu fechamento em 1938, a biblioteca com 80 volumes incluindo obras de Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso, Pio XI, Alceu de Amoroso Lima e outros; foi distribuída para Helio de Moraes Barbosa.^{xxxi}

Dentre as várias idéias, a doutrina integralista tinha como escopo legitimar o poder do Estado, voltado para a plena realização de todos os segmentos da sociedade. A organização geral, Nação, confundir-se-ia com a do próprio Estado e estaria assentada no Município, nas classes produtoras e na família. Deste modo o Município deveria transformar-se na célula da Nação desde que congregasse as famílias e as classes e tem portanto, papel importante como

gerador do sistema porquanto era a sua própria base.^{xxxii} E aqui, podemos perceber o quanto foi importante a ação dos integralistas no sindicato de Bauru. Uma ação do sigma de transformação pelo viés ideológico partindo do âmbito municipal através das classes produtoras.

Assim, partir de 1936, o sindicato da Noroeste do Brasil estava nas mãos dos integralistas e fascistas que pautaram-se em um discurso anti-comunista e nos estatutos do sindicato para destituírem a antiga diretoria dos aliancistas e entrarem no poder. Poder que já vinha sendo construída pela rede de influências e pelo poder público local através dos cidadãos integralistas e fascistas de Bauru.

Desse modo, se a política repressiva de Vargas legalmente promulgou a caça dos sindicatos *perigosos* e os ativistas comunistas, na esfera cotidiana de ação política sindical foram os integralistas e fascistas que construíram a nova ordem político-sindical local, semearam a cultura corporativista no meio operário e limpavam os comunistas da direção sindical utilizando-se de suas influências políticas locais e de seus discursos de direita para alcançarem as necessidades almejadas pelos ferroviários que eram de tendências direitistas. Que fique claro, todavia, que fascistas e integralistas de Bauru, apesar de viabilizarem as medidas do governo federal, não apenas almejaram auxiliar Getúlio Vargas mas também buscaram se apoderar das promulgações varguistas anticomunista para então se afirmarem culturalmente e politicamente na sociedade local. Um caminho que pode nos comprovar esta idéia, é justamente percebermos a sutil contradição que existia na ação dos fascistas: de um lado defendiam um governo estrangeiro, uma cultura italiana, o líder Mussolini; de outro, afirmavam-se como a forte influência do corporativismo nos sindicatos oficiais brasileiros que estruturavam um projeto de cunho nacionalista.

Em suma, para integralistas e fascistas intervir nos sindicatos constituiu como um processo de articulações locais, de brechas políticas, de aproveitamento das medidas do presidente Vargas e sobretudo de uma busca pelo *poder público* local que muito podia estar relacionado com a afirmação da AIB como partido político e do fascismo como cultura política local. Cenário político que só foi alcançado no momento histórico pós - 1935 quando o movimento integralista já estava estruturado como grande partido de massa e Vargas legalmente assumira seu caráter fascista e anticomunista.

ⁱ ARAÚJO, ÂNGELA. A construção do consentimento. Corporativismo e trabalhismo nos anos trinta. SP, Seritta, 1998, p.209.

ⁱⁱ Sobre sindicalismo amarelo ver: BATALHA, Claudio. Le sinclisme amarelo a Rio de Janeiro (1906-1930). Tese de doutoramento (mimeo), Université de Paris, Paris, 1986.

ⁱⁱⁱ Informe do investigador Rubens para o delegado de ordem Política e Social. Delegacia de Polícia de São Paulo, São Paulo, 19/12/33. Pront: 2347. **DEOPS, AESP.**

^{iv} Ata do núcleo da AIB de Rio Claro. **FPS/ APRC.**

^v Pront. 2546. **DEOPS/AESP.**

^{vi} TRINDADE, Héliqio. Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30. SP, Difusão Européia, 1974, p. 227.

^{vii} TRINDADE, 1974, p. 231.

^{viii} Ver prontuários de João Soares Pinheiro: 2347 e Nuncio Soares da Silva: 2345. **DEOPS, AESP.**

^{ix} Tratava-se portanto, de um momento histórico de mudanças políticas mas ainda com poucas definições governamentais. Viviam-se um contexto político onde muitos sindicatos já estavam nas fileiras dos oficiais mas ainda a resistência comunista podia ser percebida neste meio. Momento político portanto, de início de ascensão integralista, de início do corporativismo Varguista e de presença ainda forte comunista no meio sindical. Um cenário de conquistas proletárias para o nascente movimento integralista e um campo político sindical orientado pelo governo provisório de intervenção estatal, controle legislativo pautados em um conservadorismo político. Por afinidades ideológicas, um cenário de perfeitas condições para o integralismo acessar a vida dos trabalhadores para as suas fileiras "verdes".

^x CARONE, Edgard. Brasil anos de crise: 1930-1945. São Paulo, Ed. Ática, 1991, p. 92.

^{xi} CARONE, 1991, p.93.

^{xii} Relatório de investigação para o delegado de Ordem Política e Social. Delegacia de Ordem Política e Social. SP, 30/12/33. Pront: 2432 vol 2. **DEOPS/AESP.**

- ^{xiii} Em 1934, por exemplo, o integralista Nicola Rosica, companheiro de Jurandyr Bueno no núcleo de Bauru, foi vítima em um destes encontros tumultuados da época que envolviam comunistas e integralistas. Sobre este episódio, constatamos através da documentação do DEOPS que Josue Pereira, 2º Secretário do Sindicato da Noroeste do Brasil, protestou contra a prisão de sindicalistas que foram acusados pela polícia de participarem do conflito na manifestação integralista. (Informe do Secretário da Interventoria para o Chefe de Polícia da Ordem Política e Social. Bauru, 4/10/34. Pront. 202. **DEOPS/AESP**).
- ^{xiv} Boletim da Ação Integralista Brasileira. Bauru, -/09/34. Pront. 552 vol. 1. **DEOPS/AESP**.
- ^{xv} Relatório dos Sindicatos de Empregados em São Paulo. Gabinete de Investigações, São Paulo, 12/09/34. Fls. 77-85. **Pront. 1579 vol.1. DEOPS/AESP**.
- ^{xvi} O Sindicato. Bauru, junho de 1935, ano 2, no 18. **AEL/UNICAMP**.
- ^{xvii} Segundo a polícia, ANL de Bauru não tinha sede, assim a assembléia ocorria no Sindicato da NOB ou no Cine-theatro Brasil ou Teatro S. Chistovam ou Grêmio Baurense e Sociedade Dançante União da Mocidade.
- ^{xviii} Informe do delegado regional de Bauru para o secretário de Segurança Pública. Bauru, 3/08/35. Pront. 202. **AESP/DEOPS**.
- ^{xix} ARAÚJO, ÂNGELA. A construção do consentimento. Corporativismo e trabalhismo nos nos trinta. Seritta, SP, 1998.
- ^{xx} ARAÚJO, 1998, p. 230.
- ^{xxi} Folheto do Sindicato da Noroeste do Brasil. Bauru, 13/08/35. Pront. 202. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxii} Ver Dossiê Político: 24 B 003. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxiii} Ver Dossiê Político: 24 B 003. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxiv} Ofício de Ribeiro Cruz, investigador de polícia, para o delegado Regional de Bauru. Bauru, 5/10/42. Dossiê Político: 24 B 003. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxv} Informe do delegado Regional de Bauru para o Superintendente de Ordem Política e Social. Bauru, 28/06/36. Pront. 81189. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxvi} Ata da Assembléia do sindicato da Noroeste do Brasil. Bauru, 11/03/36. Pront. 202. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxvii} Ver: Dossiê político. 24 B 003. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxviii} Que também tinha como membro o fascista Domingos Lamônica indicado por Hélio de Moraes.
- ^{xxix} Folheto do Sindicato da Noroeste do Brasil. Bauru, 27/02/36. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxx} REALE, Miguel. O Estado Moderno. RJ, Livraria José Olympo Editora, 1ª ed. 1934 - 2ª ed. 1934 - 3ª ed. 1935, ou Perspectivas integralistas. Livraria H Antunes, RJ, 1ª ed. 1935 - 2ª ed. 1936.
- ^{xxxi} Auto de Exibição e Apreensão. Delegacia Regional de Bauru, Bauru, 9/04/38. Pront. 552 vol. 3. **DEOPS/AESP**.
- ^{xxxii} MARTINS, Francisco de Souza. O Integralismo: Curso Introdutório ao Pensamento Político Brasileiro. Unidade IX E X. Brasília, Editora UnB, 1982, p. 70.